

Bianca Camargo Martins
(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 3



Atena
Editora

Ano 2019

Bianca Camargo Martins

(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 3

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E78 O essencial da arquitetura e urbanismo 3 [recurso eletrônico] /
Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa (SP):
Atena Editora, 2019. – (O Essencial da Arquitetura e Urbanismo;
v. 3)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-2654
DOI 10.22533/at.ed.654191704

1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins,
Bianca Camargo. II. Série.

CDD 720

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos dias de hoje, é muito discutido o papel social da Arquitetura e do Urbanismo. Por muitos anos, o papel social foi interpretado apenas como a arquitetura específica para as camadas populacionais de menor renda, sem acesso ao mercado formal de moradias – e de arquitetura. Porém, com a crise urbana em que vivemos atualmente, onde grandes parcelas da população não tem acesso às “benesses” do espaço urbano, essa discussão voltou à tona.

Muito mais do que levar a arquitetura para os mais necessitados, devemos reinventar nossa prática profissional para sermos os agentes transformadores da sociedade atual e enfrentarmos os desafios, sociais, políticos e econômicos que estamos vivenciando diariamente em nossas cidades.

Esta edição de “O Essencial de Arquitetura e Urbanismo 2” apresenta experiências das mais diversas áreas da arquitetura e urbanismo, como: arquitetura, ensino, conforto ambiental, paisagismo, preservação do patrimônio cultural, planejamento urbano e tecnologia. Assim, busca trazer ao leitor novos conceitos e novas reflexões para a prática da arquitetura e do urbanismo.

Neste contexto, é abordada desde as metodologias pedagógicas ativas a serem utilizadas no ambiente escolar até a compatibilização de projetos com o uso da Metodologia BIM (Building Information Modeling). A acessibilidade é abordada a partir de diversas perspectivas: desde um edifício isolado até a acessibilidade de uma cidade, evidenciando a importância da discussão nos dias de hoje. Cabe destacar também os estudos de análise de edificações culturais e de cenografia de exposições e performances. A relação da cidade com o seu patrimônio cultural é tratada em diversos capítulos, desde a gestão patrimonial até a utilização de cemitérios como espaços de memória – uma iniciativa prática que demonstra que a arquitetura, assim como a cultura, está em todos os lugares. Dou ênfase também à importância dada ao patrimônio imaterial, tema de extrema relevância e que é, muitas vezes, desvalorizado pelo poder público.

A discussão sobre a dinâmica dos espaços urbanos é extensa e deveras frutífera. Nesta edição, os capítulos focam na importância da arborização urbana para o bem estar da população, na participação popular nas discussões sobre a cidade, na problemática da existência de vazios urbanos em áreas urbanas consolidadas, nas estratégias de *city marketing*, na cidade global e demais temas que comprovam a multiplicidade de questões e formas de análise que envolvem a discussão sobre a vida urbana.

Por fim, são apresentados estudos sobre novas tecnologias e materiais voltados ao desenvolvimento sustentável, especialmente no tocante à gestão de resíduos da construção civil e à mitigação de riscos e desastres.

Convido você a aperfeiçoar seus conhecimentos e refletir com os temas aqui abordados. Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PRESERVAÇÃO E RUÍNA UMA BREVE LEITURA DOS PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO URBANA A PARTIR DO SKYLINE DA CIDADE DE SALVADOR	
Ana Licks Almeida Ariadne Moraes Silva Márcia Maria Couto Mello	
DOI 10.22533/at.ed.6541917041	
CAPÍTULO 2	18
ESTUDO METODOLÓGICO DE REABILITAÇÃO URBANA: A DEFINIÇÃO DE DIRETRIZES E ESTRATÉGIAS PARA CIDADE DE JOINVILLE-SC	
Maria Luiza Daniel Bonett Raquel Weiss	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042	
CAPÍTULO 3	39
QUARTA NATUREZA : UMA NOVA PAUTA NO PROJETO DE ARQUITETURA E URBANISMO	
Simone Back Prochnow Silvio Belmonte de Abreu Filho	
DOI 10.22533/at.ed.6541917043	
CAPÍTULO 4	54
ANÁLISE COMPARATIVA SEGUNDO AS DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE ENTRE A OCUPAÇÃO DAS CHÁCARAS SANTA LUZIA E A PROPOSTA PARA HABITAÇÃO SOCIAL DO GOVERNO DE BRASÍLIA	
Julia Cristina Bueno Miranda Liza Maria Souza de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.6541917044	
CAPÍTULO 5	73
CONFORTO TÉRMICO EM ESPAÇOS ABERTOS: O ESTADO DA ARTE DO <i>UNIVERSAL THERMAL CLIMATE INDEX - UTCI</i> NO BRASIL	
Thiago José Vieira Silva Simone Queiroz da Silveira Hirashima	
DOI 10.22533/at.ed.6541917045	
CAPÍTULO 6	83
PERCEPÇÃO DA ARBORIZAÇÃO URBANA DA CIDADE DE CALÇADO- PE, ATRAVÉS DE REGISTROS FOTOGRÁFICOS DE 1988 AOS DIAS ATUAIS	
Raí Vinícius Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6541917046	
CAPÍTULO 7	95
PARQUE MACAMBIRA-ANICUNS: A CIDADE NO URBANO?	
Wilton de Araujo Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.6541917047	

CAPÍTULO 8	101
VAZIOS URBANOS NA CIDADE: A PRAÇA LEVI COELHO DA ROCHA	
Renata Bacelar Teixeira	
Sidney Diniz Silva	
Renata Silva Cirino	
DOI 10.22533/at.ed.6541917048	
CAPÍTULO 9	117
ESPAÇOS LIVRES NO TÉRREO DE UM CORREDOR URBANO	
Adilson Costa Macedo	
Jessica Lorellay Cuscan Guidoti	
DOI 10.22533/at.ed.6541917049	
CAPÍTULO 10	137
OCUPANDO O CAMPUS: INTERDISCIPLINARIDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ESPAÇO DA CIDADE	
Renata Bacelar Teixeira	
Ednei Soares	
Talita Queiroga	
DOI 10.22533/at.ed.65419170410	
CAPÍTULO 11	153
INSURGÊNCIAS URBANAS E FEMININAS COMO PRÁTICAS CORRELATAS PARA RESISTÊNCIA TERRITORIAL	
Carolina Guida Cardoso do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.65419170411	
CAPÍTULO 12	168
PARTICIPAÇÃO E ESPAÇO PÚBLICO: O PROCESSO DE DIÁLOGO SOBRE O “BERLINER MITTE” EM BERLIM	
César Henriques Matos e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.65419170412	
CAPÍTULO 13	184
REGULAMENTAÇÃO DAS ZEIS EM FORTALEZA: ASSESSORIA TÉCNICA E MOBILIZAÇÃO POPULAR	
Gabriela de Azevedo Marques	
Marcela Monteiro dos Santos	
Thais Oliveira Ponte	
DOI 10.22533/at.ed.65419170413	
CAPÍTULO 14	200
ANÁLISE DAS HABITAÇÕES DE INTERESSE SOCIAL NO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ/SP APÓS A EXTINÇÃO DO BANCO NACIONAL DE HABITAÇÃO (BNH)	
Janayna Priscilla Vieira Guimarães	
Pedro Renan Debiazi	
DOI 10.22533/at.ed.65419170414	

CAPÍTULO 15	208
ACESSIBILIDADE PARA IDOSOS EM ÁREA LIVRE PÚBLICA DE LAZER	
Herena Marina Schüler	
Jessie Tuani Caetano Cardoso	
Isabela Fernandes Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.65419170415	
CAPÍTULO 16	221
A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DA ACESSIBILIDADE NOS PLANOS URBANOS E DE MOBILIDADE	
Juan Pedro Moreno Delgado	
Jamile de Brito Lima	
Liniker de Jesus Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.65419170416	
CAPÍTULO 17	234
INFRAESTRUTURA E MOBILIDADE: ANÁLISE DE TRÊS ESPAÇOS LIVRES DE CIRCULAÇÃO EM SANTA MARIA – RS	
Zamara Ritter Balestrin,	
Alice Rodrigues Lautert	
Luis Guilherme Aita Pippi	
DOI 10.22533/at.ed.65419170417	
CAPÍTULO 18	252
GERENCIAMENTO DE PROJETOS COMO INSTRUMENTO NA CONSTRUÇÃO DA INFRAESTRUTURA URBANA	
Samira Alves dos Santos	
Emmanuel Paiva de Andrade	
Carina Zamberlan Flores	
DOI 10.22533/at.ed.65419170418	
CAPÍTULO 19	268
A “CIDADE GLOBAL” E A PRODUÇÃO IMOBILIÁRIA: ANÁLISE DA ATUAÇÃO DO MERCADO IMOBILIÁRIO RESIDENCIAL NO QUADRANTE SUDOESTE DE SÃO PAULO DE 2008 A 2017	
Isabela Baracat de Almeida	
Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.65419170419	
CAPÍTULO 20	281
A INOVAÇÃO TECNOLÓGICA COMO ESTRATÉGIA DE CITY MARKETING	
Tarciso Binoti Simas	
Sônia Le Cocq d’Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.65419170420	
CAPÍTULO 21	297
A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E O DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES: O POTENCIAL DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO GERENCIAMENTO DAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS	
Roberta Betania Ferreira Squaiella	
Roberto Righi	
Maria Victoria Marchelli	
DOI 10.22533/at.ed.65419170421	

CAPÍTULO 22	312
NOVOS CONCEITOS X ANTIGOS PROBLEMAS: AS CIDADES INTELIGENTES E A INFORMALIDADE URBANA	
Giselle Carvalho Leal Rafael Soares Simão Adriana Marques Rossetto	
DOI 10.22533/at.ed.65419170422	
CAPÍTULO 23	327
PODERES PÚBLICOS MUNICIPAIS E AEROPORTOS NO ÂMBITO DO PLANEJAMENTO URBANO BRASILEIRO: UM PANORAMA PARCIAL, DE 2006 A 2017	
Paulo Sergio Ramos Pinto Marcos Thadeu Queiroz Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.65419170423	
CAPÍTULO 24	350
URBANISMO RURAL, UMA UTOPIA NÃO REALIZADA	
Giselle Fernandes de Pinho Evandro Ziggiatti Monteiro Silvia Aparecida Mikami Gonçalves Pina	
DOI 10.22533/at.ed.65419170424	
CAPÍTULO 25	366
COMPATIBILIZAÇÃO DE PROJETOS COM METODOLOGIA BIM EM PERSPECTIVA: ESTUDO DE CASO DA APLICAÇÃO EM UM EDIFÍCIO REAL	
Eveline Nunes Possignolo Costa Geraldo Donizetti de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.65419170425	
CAPÍTULO 26	374
COMPATIBILIZAÇÃO DE PROJETO DE INSTALAÇÕES: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O MÉTODO TRADICIONAL (2D) E A FERRAMENTA BIM	
Figueiredo, L. L. H., Mariano, L. N. Neto, L. S. C. Resende, L. G. S.	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042126	
CAPÍTULO 27	382
ANÁLISE DAS EQUAÇÕES UTILIZADAS PARA O DIMENSIONAMENTO DO SISTEMA DE TRATAMENTO DE ESGOTO CONFORME NBR 7229 E NBR 13969	
Mario Tachini Abrahão Bernardo Rohden Renan Guimarães Pires Spernau	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042127	

CAPÍTULO 28	391
DESENVOLVIMENTO DE PLANILHA ELETRÔNICA PARA CÁLCULO DE ISOLAMENTO ACÚSTICO POR VIA AÉREA CONSIDERANDO A ENERGIA LATERAL	
Rafaela Benan Zara Paulo Fernando Soares	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042128	
CAPÍTULO 29	405
VALORES DE REFERÊNCIA PARA AS CLASSES DE RUÍDO PREVISTAS NA NORMA NBR 15575	
Brito, A. C. Sales, E. M. Aquilino, M. M. Akutsu, M.	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042129	
CAPÍTULO 30	411
OCORRÊNCIA DE BOLORES EM EDIFICAÇÕES: ESTUDO DE CASO EM HABITAÇÕES CONSTRUÍDAS COM PAREDES DE CONCRETO	
Thiago Martin Afonso Adriana Camargo de Brito Maria Akutsu	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042130	
CAPÍTULO 31	426
DESEMPENHO HIGROTÉRMICO DE PAREDES DE FACHADA POR MEIO DE SIMULAÇÃO COMPUTACIONAL – ESTUDOS DE CASO	
Alexandre Cordeiro dos Santos Luciana Alves de Oliveira Osmar Hamilton Becere Júlio Cesar Sabatini de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042131	
CAPÍTULO 32	437
ADIÇÃO DE EVA E VERMICULITA EM ARGAMASSAS DE REVESTIMENTO: ANÁLISE DO DESEMPENHO TÉRMICO	
Francisco Ygor Moreira Menezes Sara Jamille Marques de Souza Felipe Fernandes Gonçalves Dielho Mariano Dantas de Moura Cicero Joelson Vieira Silva Robson Arruda dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042132	
CAPÍTULO 33	448
ANÁLISE DOS REQUISITOS PARA A IMPLANTAÇÃO DA FILOSOFIA LEAN GREEN CONSTRUCTION EM EDIFICAÇÕES RESIDENCIAIS UNIFAMILIARES DE PEQUENO PORTE	
Dayana Silva Moreira Gontijo Jhonvaldo de Carvalho Santana Andreia Alves do Prado	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042133	

CAPÍTULO 34	462
ANÁLISE DA APLICAÇÃO DO MODELO LEAN CONSTRUCTION EM CANTEIROS DE OBRAS RODOVIÁRIAS: ESTUDO DE CAMPO EM TRECHO DA BR 158	
Taíme da Cruz Oroski José Ilo Pereira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042134	
CAPÍTULO 35	469
APLICAÇÃO DA METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO DE PERDAS E DANOS (D _A LA) NO BAIRRO VILA AMÉRICA NO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ	
Tazio Guilherme Leme Cavalheiro Viadana Fernando Rocha Nogueira Alex Kenya Abiko	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042135	
CAPÍTULO 36	479
APLICAÇÃO DE CONCRETO PERMEÁVEL PARA A MITIGAÇÃO DE RISCOS DE DESASTRES	
Loyane Luma Sousa Xavier Rafaela Cristina Amaral Abrahão Bernardo Rohden Esequiel Fernandes Teixeira Mesquita	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042136	
CAPÍTULO 37	494
ANÁLISE DA VIABILIDADE NA UTILIZAÇÃO DE RESÍDUOS ORIUNDOS DA INDÚSTRIA CALÇADISTA DE FRANCA/SP NA CONFECÇÃO DE BLOCOS DE VEDAÇÃO	
Fabiana Andresa da Silva Victor José dos Santos Baldan Javier Mazariegos Pablos	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042137	
CAPÍTULO 38	508
ANÁLISE DOS ÍNDICES FÍSICOS DA CINZA DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS E DA AREIA NATURAL	
Luana Cechin Marcio Leandro Consul de Oliveira Mariane Arruda Martins Olaf Graupmann	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042138	
SOBRE A ORGANIZADORA	516

VAZIOS URBANOS NA CIDADE: A PRAÇA LEVI COELHO DA ROCHA

Renata Bacelar Teixeira

Centro Universitário UNA, Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo
Belo Horizonte - MG

Sidney Diniz Silva

centro Universitário UNA, Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo
Belo Horizonte - MG

Renata Silva Cirino

centro Universitário UNA, Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo
Belo Horizonte - MG

RESUMO: O presente trabalho procura abordar os espaços públicos subutilizados na cidade, denominados vazios urbanos, tendo como estudo de caso a Praça Levi Coelho da Rocha, localizada no hipercentro da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Este busca trazer elementos responsáveis pela ociosidade e as possíveis soluções que possibilitariam sua maior ocupação. Foi baseado na análise da bibliografia pertinente ao tema, na observação do local e em análises de entrevistas realizadas dentro de um projeto de extensão de uma universidade que possui um dos campi próximo à Praça Levi Coelho da Rocha. No caso da praça em questão, assim como também aparece na bibliografia, verifica-se que algumas das principais causas desta ociosidade são a falta de atratividade e

de conservação do local além do sentimento de insegurança. Como soluções os diagnósticos realizados apontam para algumas soluções de intervenções temporárias e eventos que podem ajudar a melhorar o espaço, impulsionando o uso pela população, trazendo então mais vitalidade para a praça e região.

PALAVRAS-CHAVE: vazios urbanos; urbanismo; praça; intervenção urbana.

URBAN EMPTY SPACES IN THE CITY: THE LEVI COELHO DA ROCHA SQUARE

ABSTRACT: This paper brings an analysis of the city's underutilized public spaces, denominated empty urban spaces, having as a case study the Levi Coelho da Rocha square, which is located in the Belo Horizonte city central area. It seeks to identify some of the elements responsible for the idleness and possible solutions that would make possible their greater occupation. It was based on the theme's bibliography analysis, on the actual observation of the place and on the analysis of interviews carried out within an extension project of a university that owns one of the campuses near the square. In the matter of this specific square, as also found in the bibliography, it is verified that some of the main causes of this idleness are the lack of attractiveness and conservation of the place

besides the feeling of insecurity. As solutions the diagnoses points to some temporary interventions and events that can help to improve the space, boosting the use by the population, bringing more vitality to the place and region.

KEYWORDS: empty urban spaces; urbanism; square; urban intervention.

1 | INTRODUÇÃO

A vida de uma cidade depende completamente do uso de seus moradores. Em grandes cidades brasileiras, principalmente em suas áreas centrais, o que se observa é a falta de vitalidade que ocorre fora dos horários de movimento decorrente do trânsito de pessoas durante a semana e horários de pico. Em Belo Horizonte, Minas Gerais, esta situação não se faz diferente. Durante a noite, diversos pontos da região central têm seu movimento ocioso, com poucas pessoas transitando e usufruindo do espaço público existente. Normalmente nestes momentos, essa região ocupada principalmente por edifícios comerciais, torna-se praticamente vazia, deixando os espaços públicos subutilizados. Alguns espaços da cidade, mesmo em horários com maior movimento também apresentam essa ociosidade.

Um local em específico em Belo Horizonte, a Praça Levi Coelho da Rocha, chamou a atenção de estudantes de psicologia e arquitetura e urbanismo devido a essa pouca utilização e certa ociosidade. Essa é uma praça, dentro de um bairro nobre, cercada por comércio de lanchonetes, supermercados e bares e com boa infraestrutura viária de transporte coletivo. Em frente a ela se encontra um dos campi de uma grande faculdade particular. Neste campus, estudam cerca de 2.200 alunos.

Os alunos desta mesma faculdade, porém sediados em outro campus, observaram que esta praça não é frequentada pelos estudantes e nem pela população da região. Então se questionou o porquê da ociosidade dessa praça uma vez que ela, a princípio não apresenta nenhum motivo para a sua não ocupação.

Destes questionamentos nasceu um projeto de extensão tendo como integrantes alunos e professores dos cursos de psicologia e arquitetura e urbanismo.

A motivação deste artigo é entender o conceito de vazio urbano através de revisão bibliográfica e da análise do estudo de caso da Praça Levi Coelho da Rocha com o objetivo de propor alternativas para melhorar a ocupação do espaço pelos estudantes e usuários da região.

2 | METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste estudo, visando entender o conceito de vazio urbano e o significado de termos utilizados no contexto do presente trabalho, os métodos utilizados na problematização da pesquisa, consistiram em algumas fases distintas, descritas abaixo.

Primeiramente foi realizada uma análise da bibliografia pertinente ao tema com leitura de produções textuais oriundas de livros escritos por autores renomados e

artigos publicados por alunos de universidades reconhecidas.

Após absorver os conceitos imprescindíveis ao desenvolvimento deste artigo, foram realizadas observações in loco, objetivando conhecer os elementos alvos do estudo de caso, a começar pela Praça Levi Coelho da Rocha, os usuários desta e os estudantes do campus em frente a esta praça. Estas observações tiveram como intuito identificar os usuários, os tipos de apropriações ocorridas na relação dos usuários com a praça, além das potencialidades e os aspectos negativos quanto ao entorno, estado de conservação, infraestrutura e ambiência da região em estudo.

Para compreender o público do lugar, foi utilizada a metodologia de pesquisa, através de questionários semiestruturados aplicados pelo projeto de extensão aos principais agentes interessados na utilização do espaço, como comerciantes, moradores e estudantes do campus universitário. Também foram desenvolvidas análises dos resultados das entrevistas realizadas pelo projeto de extensão, intencionando encontrar respostas para as inquietações que motivaram o desenvolvimento deste estudo, confrontando a realidade com as hipóteses levantadas anteriormente.

A pesquisa realizada pelo projeto de extensão procurou identificar dentre outros itens:

- a) o que os motivaria a utilizar a praça;
- b) o que os afastam da praça e
- c) qual a percepção que eles têm do local.

Após isto foi necessário compreender porque a praça vem se tornando um vazio urbano. É importante buscar este entendimento uma vez que a subutilização de espaços dentro da cidade como estes podem ser prejudiciais para a qualidade da vida urbana.

3 | VAZIOS URBANOS E OCIOSIDADE NAS CIDADES

Para qualquer pessoa que vivencie a cidade, os espaços vazios ou pouco ocupados, contrastantes com o restante do tecido urbano adensado, podem causar certa angústia ou questionamentos. São vistos normalmente como áreas inseguras e sem atrativos. Podem também ser caracterizadas por áreas residuais consequentes a um processo de urbanização. Por mais contraditório que pareça muitos desses vazios são ocupados. Mesmo que por estruturas com pouco ou nenhum uso, esquecidas ou degradadas. Mas para compreender o que faz uma área dentro de uma cidade ser considerada um vazio urbano, é necessário entender o que significa este termo.

Ao se investigar sobre o assunto é possível notar algumas possibilidades conceituais. Segundo o “Manual de Reabilitação das Áreas Urbanas Centrais” (2008), vazios urbanos são espaços “abandonados ou subutilizados, localizados dentro da malha urbana consolidada, em uma área caracterizada por grande diversidade de espaços edificados” (BRASIL, 2008, p. 142). Cavaco (2007) traz o conceito de “vazio expectante”. Essa é a concepção de que espaços, mesmo edificados, podem ser

considerados vazios urbanos mesmo não sendo exatamente vazios, mas por abrigarem edificações degradadas ou obsoletas. Para Ferrara (2000), os vazios urbanos podem ser entendidos como “espaços residuais”, “inacabados”, com vazios a preencher, em usos e informações.

As áreas centrais das cidades podem apresentar um diversificado quadro de vazios urbanos com situações, por vezes bastante específicas. No entanto, a categoria que se sobrepõe às demais, neste caso, é a de vazio central. Isto é, vazios localizados em áreas que exercem alguma centralidade, participando, assim, do cotidiano de um número maior de cidadãos. Eles são vazios centrais, também, pela transformação que sua reativação pode promover na situação de vacância e no impacto morfológico criado na área em torno e, sobretudo, no enfrentamento dessa questão. (BORDE, 2006, p. 103)

Desta forma, de modo geral, estamos considerando que os vazios urbanos são caracterizados como espaços inutilizados ou subutilizados na malha urbana, consequências do mercado de terras e da legislação urbanística. Em outras palavras, podem ser consideradas áreas vagas, formadas por espaços residuais no interior das cidades.

Dentro do jogo de interesses entre agentes público e privados, os vazios urbanos surgem com a expansão urbana, em áreas valorizadas da cidade com infraestrutura instalada em operação, e subutilizada devido ao fato de que os vazios não possuem uso, formando ilhas bem localizadas dentro do tecido urbano. (VEIGA; VEIGA,D.; MATTA, 2011, p. 3)

Borde (2006) afirma que, há pouco tempo atrás, praças e parques eram enquadrados dentro deste termo. Esses espaços conformam a cena urbana das grandes cidades, o espaço de encontro das diferenças. Atualmente, terrenos não ocupados, sem uso ou subutilizados, localizados em áreas com infraestrutura, podem ser considerados vazios urbanos. Nota-se que esta é uma expressão muito abrangente, mas este artigo, através das referências citadas acima, define que o termo vazio urbano designa qualquer área subutilizada, terrenos e edifícios, que acabam esquecidos pela população por não beneficiarem a coletividade e não cumprirem sua função social. Esses espaços dentro da malha urbana consolidada abrangem lotes vagos, prédios abandonados, parques, áreas verdes e praças. Deve-se ter em mente que a Lei nº 10.257, o Estatuto da Cidade (2001), afirma que o entendimento do solo urbano como bem coletivo é priorizar a função social.

Lynch (1960) em seu livro “A Imagem da Cidade” diz que a forma como percebemos as cidades depende de suas partes constituintes, de suas formas e suas imagens. A imagem que a Praça Levi Coelho da Rocha transmite aos usuários **é de** certa ociosidade em determinados períodos.

Alguns dos principais fatores que podem causar ociosidade e áreas vazias em locais densamente urbanizados, são: a sensação de insegurança e a falta de atrativos

dos espaços. Em seu livro “Morte e Vida das Grandes Cidades” Jacobs (1961) nos mostra o quanto é importante que a comunidade utilize de seus equipamentos urbanos, como ruas e calçadas: “[...] a calçada deve ter usuários transitando ininterruptamente, tanto para aumentar na rua o número de olhos atentos quanto para induzir um número suficiente de pessoas de dentro dos edifícios a usufruir das calçadas [...]” (JACOBS, 1961, p. 36). Uma rua se fará segura a partir de um movimento constante de pessoas, não apenas transitando, mas usufruindo do espaço, principalmente como local de convivência. Quando isto não acontece são gerados vazios dentro da cidade: então chamados vazios urbanos. Este termo extremamente complexo também pode indicar locais que não foram esquecidos, mas, que devido à sua aparência, denota um espaço sem confiabilidade para o usuário, impedindo a completude de sua ocupação.

Uma forma possível de mudar esta situação é deixando as cidades mais humanas. A humanização das cidades deve ser considerada um meio para melhorar a qualidade de vida das pessoas objetivando conseguir cidades vivas, seguras e saudáveis. Quando as condições para o trânsito e permanência do pedestre são melhoradas reforça-se a vida na cidade, pois este não é convidado apenas para trafegar sem perceber a cidade, mas sim participar de uma vida urbana versátil e variada. A preocupação da arquitetura e do planejamento urbano com a dimensão da escala humana mostra o quanto é importante e necessário o resgate do uso do espaço urbano e da sua função social.

A humanização das cidades implica em transformar as cidades para as pessoas, em especial através de planejamento urbano. Planejar as cidades para as pessoas significa valorizar a escala humana, a fim de que os cidadãos sejam os protagonistas do espaço público. É essencial que o espaço urbano atenda às necessidades de seus habitantes (...) (OLIVEIRA; BORGES, 2017, p. 1).

Na forma como é percebida a cidade, para se alterar um espaço já consolidado é necessário trazer intervenções, sejam elas temporárias ou permanentes. Jacobs (1961) mostra que antes de alterar uma cidade é necessário conhecê-la, não apenas se referindo ao traçado urbano, mas também significa entender sua vitalidade. Como os moradores utilizam o espaço, o que gostam, o que fazem e quais são as atividades que realizam nos espaços públicos são questionamentos e observações importantes na compreensão do espaço.

4 | ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS: SUBUTILIZAÇÃO E PROBLEMAS RECORRENTES

Conforme já salientado anteriormente, em algumas áreas centrais das grandes cidades brasileiras, atualmente, podemos notar falta de vivacidade. Estas áreas são dotadas, em sua maior parte, de grandes potencialidades seja localização privilegiada na malha urbana, fácil acesso a transporte público, infraestrutura viária e/ou enorme

quantidade de equipamentos urbanos. Quando a ocupação de espaços dentro destas regiões centrais e bem-dotadas de serviços e infraestrutura, é negligenciada pelo poder público ou pelos seus habitantes, estes espaços podem ser considerados espaços residuais urbanos, vazios urbanos, ou seja, é uma área subutilizada. Neste estudo, o espaço que se encontra subutilizado, é uma área pública: uma praça na área central da cidade de Belo Horizonte. Esse espaço aparece em uma malha urbana planejada. Não foi ocasionada devido a uma expansão urbana descontínua ou não planejada.

De fato, é recorrente a identificação do mau uso ou falta de uso de espaços públicos, principalmente em áreas centrais. Mas é interessante perceber que a qualidade de vida de uma cidade é sempre medida pela análise de como a vida coletiva se faz em seus espaços públicos. Jacobs (1961) já ilustrava que

“[...] ruas impessoais geram pessoas anônimas, e não se trata de qualidade de estética nem de um efeito emocional místico no campo da arquitetura. Trata-se do tipo de empreendimento palpável que as calçadas possuem e, portanto, de como as pessoas utilizam as calçadas na vida cotidiana diária” (JACOBS, 1961, p.61)

A percepção de vazio urbano gerado em espaços públicos de áreas centrais decorre de fatores por vezes específicos da localização, seja da praça, do parque ou de trechos de uma rua, que apresentem subutilizados. Em caso de praças podemos identificar vários motivos que ocasionam o esvaziamento e falta de uso destes locais como a falta de iluminação eficiente e mobiliário urbano que possibilite espaços de convivência. O alto fluxo de pessoas e a grande rotatividade dos usuários das áreas centrais também podem gerar um sentimento de não pertencimento das pessoas àquele espaço urbano. Dessa forma, a ocupação dos espaços públicos pode ser reprimida.

Há também a questão de que todos estão sempre com pressa. Em áreas centrais raramente o pedestre interrompe sua rotina e vivencia a cidade. Esta é uma realidade cada vez mais comum da vida cotidiana moderna em grandes cidades. Se a cidade não é vivenciada, os espaços públicos se tornam impessoais. Até mesmo os moradores das áreas centrais dificilmente utilizarão os locais disponíveis que não se fazem atrativos. Esta falta de usuários nos espaços públicos gera sensação de insegurança e a percepção de que um local poderia ser interessante para a população se torna cada vez mais distante.

5 | ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS: PRAÇAS

No Brasil quase sempre a praça é associada a espaços verdes com vegetação abundante. É também comum classificar como praça qualquer área ajardinada, mesmo que sem infraestrutura, ou espaços resultantes do traçado das vias e/ou melhoramentos dessas, como canteiros centrais e rotatórias.

Para Lamas (2007), as praças não eram locais onde as pessoas frequentavam.

Hoje elas são, em sua maioria, espaços planejados e construídos com o objetivo de realizar diversas atividades dentre elas: encontros, manifestações, **realizações de atos sociais** e prática de comércio.

“É um elemento morfológico das cidades ocidentais”, inexistentes anteriormente, distinguindo-se “de outros espaços, que são resultado acidental de alargamento ou confluência de traçados - pela organização espacial e intencionalidade de desenho. [...] A praça pressupõe a vontade e o desenho de uma forma e de um programa” (LAMAS apud MENDONÇA, 2007, p.298).

Ou seja, as praças têm um significado importante para a construção das cidades contemporâneas. **São** espaços de livre acesso, de uso comum e que oferecem uma ligação vazia com os conjuntos de edifícios que as cercam. Fazem parte do meio urbano, criando limites em volta dela. Com isso, as praças permitem e oferecem o contato direto e indireto entre pessoas, de acordo com o motivo que as levou até o local. Além disso, são usadas para diversos fins. Como cita Lamas (2007), praça é o:

“[...] lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas [...] estreita relação do vazio (espaço de permanência) com os edifícios, os seus planos marginais e as fachadas. Estas definem os limites da praça e caracterizam-na, organizando o cenário urbano” (LAMAS apud MENDONÇA, 2007, p.298).

6 | CONTEXTUALIZAÇÃO DA MALHA URBANA CENTRAL DE BELO HORIZONTE

Belo Horizonte foi a primeira cidade brasileira efetivamente planejada através de um plano urbanístico. Segundo Julião (1996), a nova capital trazia consigo a concretização dos desejos da elite republicana em mostrar a ruptura do passado imperial exaltando certa modernização e desenvolvimento nacional. Para tornar possível este desejo foi constituída a Comissão Construtora da Nova Capital, responsável por planejar e construir o que seria a nova capital do Estado de Minas Gerais, até então situada em Ouro Preto. Esta convidou o engenheiro Aarão Reis para projetar o tecido urbano (projetado entre 1894 e 1897). A população deveria viver em cidades altamente organizadas, mostrando claramente que ruas, avenidas e praças representavam uma transgressão ao passado urbanista ainda com estilo colonial até então existente.

O traçado da cidade de Belo Horizonte foi projetado sob forte influência positivista republicana e dos pensamentos urbanísticos europeu e norte-americano, inspirado em Paris na França e Washington D.C nos EUA. Este traçado urbano se assemelha a um plano cartesiano. Apresenta traçado simétrico de tabuleiro, com vias amplas, malha perpendicular de ruas, cortadas por avenidas em diagonal, quarteirões de dimensões regulares e uma avenida em torno do seu perímetro. Esta avenida que circunda a zona urbana projetada constitui a Avenida do Contorno. Esta área foi dividida em quarteirões de 120 x 120 metros por ruas com largura de 20 metros e avenidas com largura de 35

metros As avenidas cortam as ruas com ângulos de 45°. Foi planejada para comportar até 200.000 habitantes. Este tabuleiro simétrico também já incluía em seu traçado os espaços de lazer principais, como praças e parques, mas infelizmente alguns destes espaços não chegaram a ser construídos de acordo com o planejado (Figura 1).

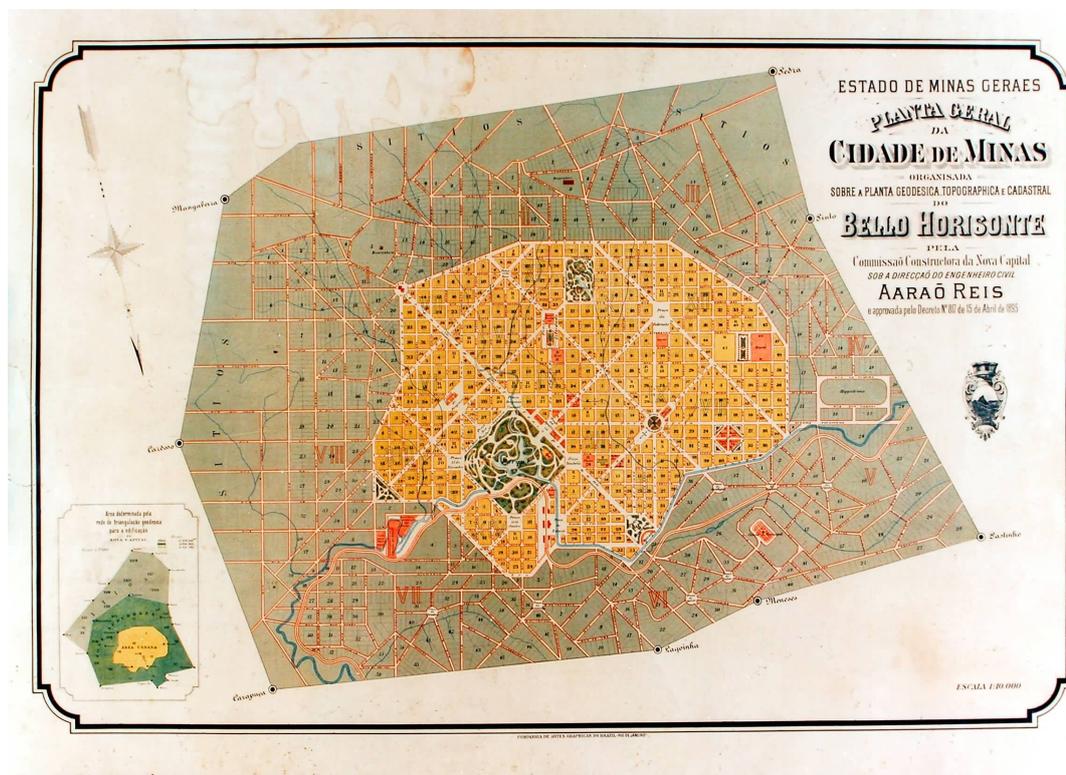


Figura 1: Planta geral da cidade de Minas Gerais (Belo Horizonte)

Fonte: Comissão Construtora de Belo Horizonte, 1885

Outro ponto a ser observado na malha viária projetada para Belo Horizonte é em relação à proporção das vias com o trânsito. Suas ruas e avenidas apesar de grandes e largas foram pensadas em um tempo em que não havia demanda de automóveis da forma como há hoje. A evolução da demanda de tráfego foi evoluindo junto com a cidade. Com o tempo os ares de cidade interiorana foram se perdendo e, com isso, as formas de apropriação foram alteradas.

Devido a esta conformação viária, dentre outras razões, Belo Horizonte se tornou conhecida como “cidade das esquinas”. Deve-se perceber que, devido à relação entre a malha ortogonal e o encontro desta com as avenidas em diagonal, alguns quarteirões não apresentaram forma quadrangular, e sim triangular. Essa peculiaridade somada à legislação urbanística de Belo Horizonte e, em alguns casos, ao partido arquitetônico dos edifícios que ocupam as quadras, gerou esquinas generosas. Em determinados quarteirões triangulares estes espaços remanescentes acabaram se tornando vazios urbanos dentro de uma área planejada e, após algum tempo de abandono, foram considerados como praças pela prefeitura. Passaram a ter mobiliário padronizado e, em alguns locais, arborização. A Praça Levi Coelho da Rocha está em um destes espaços.

7 | ESTUDO DE CASO: A PRAÇA LEVI COELHO DA ROCHA

A Praça Levi Coelho da Rocha está localizada na área central de Belo Horizonte mais especificamente entre a Rua dos Guajajaras e a Rua Goiás (Figura 2). É uma área nobre da cidade. Pelo fato de estar localizada no centro da cidade, existe uma grande concentração de pontos comerciais, serviços e equipamentos urbanos bem diversificados ao seu entorno, como lanchonetes, restaurantes, supermercados, academias, assim como instituições de ensino, instituições governamentais entre outros. Estas são características que atraem diariamente diversas pessoas para aquela região. A praça é uma área que possui forte carácter de lazer e descanso. A Rua Goiás possui como característica ser um dos principais pontos de concentração de pedestres em função do transporte coletivo.

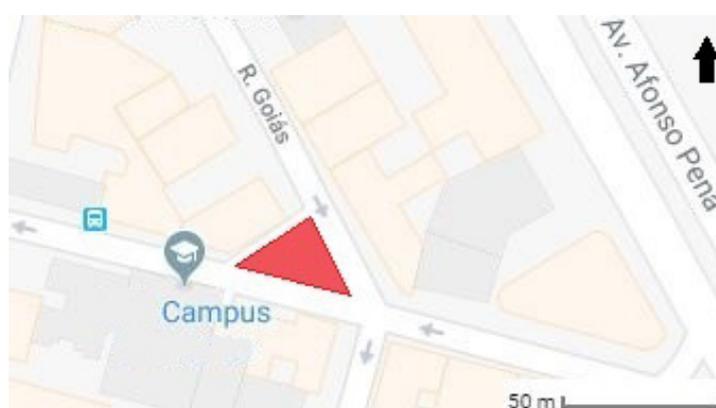


Figura 2: Localização da Praça Levi Coelho da Rocha

Fonte: Imagens Google Maps, acesso em 31. mai. 2018, adaptado pelo autor

A praça conta com uma boa massa arbórea, de modo a criar um microclima agradável no local e alguns mobiliários urbanos na parte interior da praça, de modo a permitir aos usuários a permanência no espaço (Figura 3). Porém, foi observado que a praça não é muito utilizada pela população em geral, e principalmente pelos estudantes do campus de uma faculdade que se localiza logo em frente (Figura 2). Dessa forma, classificamos esta como “vazio urbano” de acordo com o referencial teórico.



Figura 3: Praça Levi Coelho da Rocha: vista ao nível da rua (entre as Ruas Guajajaras e Goiás)

Fonte: Imagens Google Maps, acesso em 31. mai. 2018

Devido à observação da não ocupação da praça, foi previsto então o desenvolvimento de um projeto de extensão na faculdade que possui proximidade com a praça. O objetivo foi tentar compreender o porquê desta não ocupação. As análises apresentadas são referentes a estudos do referencial teórico e histórico da região, pesquisas locais de observação e realização de entrevistas com alunos e os usuários da região.

A Praça Levi Coelho da Rocha, sempre apresentou potencialidades para receber um fluxo considerável de veículos e pessoas ao seu redor, devido principalmente ao seu posicionamento estratégico uma vez que se encontra próximo a instituições, a comércio variado e a avenidas importantes. Aliado ao crescimento populacional da cidade e a demanda pela utilização de veículos, incluindo o transporte público, várias alterações viárias foram sendo realizadas na região central da cidade. Estas alterações também têm influência na ocupação da Praça Levi Coelho da Rocha, uma vez que o fluxo viário de algumas ruas e avenidas foi deslocado para as ruas lindeiras à praça. Neste deslocamento, essas vias passaram a possuir um tráfego intenso principalmente porque parte do fluxo do transporte coletivo foi concentrado nas ruas Goiás e Guajajaras, consideradas parte do sistema de transporte rápido. Também houve a proibição de estacionamento de veículos nestas vias. Dessa forma, com o incremento de mudanças no sentido de tráfego, o trânsito de pessoas e veículos tornou-se intenso na praça e seu entorno, modificando algumas formas de apropriação que ali existiam.

Analisando as entrevistas realizadas com os alunos do campus e também com os usuários da região em estudo, é possível identificar alguns motivos para a não ocupação da praça em sua totalidade. Confirmando a observação realizada em campo, quando questionados sobre o hábito dos alunos em frequentar a praça, em uma escala de 0 a 5, a maioria (69,1%) atribuiu notas 0 e 1, ou seja, não tem o hábito de frequentar a praça (Figura 4).

Hábito de frequentar a praça na escala de 0-5

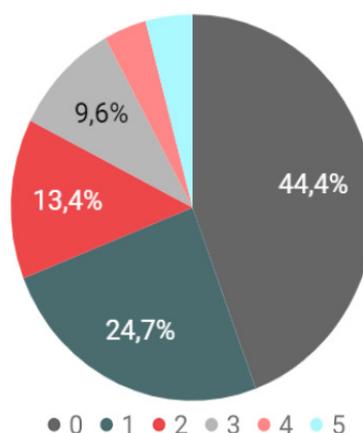


Figura 4: Hábito de frequentar a praça a escala de 0 a 5 (0: 44,4%; 1: 24,7%; 2: 13,4%; 3: 9,6%; 4: 3,8% e 5: 4,2%)

Já quando questionados sobre o motivo pelo qual não frequentam a praça, podemos destacar que 35,1% alegam ser por falta de tempo livre, 33,9% alegam ser por falta de segurança e 15,9% alegam ser pela falta de conforto. Entre os outros motivos que também foram citados apareceram: sujeira, má conservação, presença de pragas urbanas, presença de moradores de rua e acessibilidade ruim. Sobre os quesitos desagradáveis, principalmente questões relacionadas à falta de cuidado e limpeza do local (Figura 5), observa-se que parte deste problema pode ocorrer devido ao fato dos vários pontos comerciais presentes no entorno depositarem os sacos de lixo na calçada, para posterior coleta pela entidade responsável.



Figura 5: Praça Levi Coelho da Rocha: (a) sujeira nas calçadas; (b) falta de manutenção do paisagismo (c) vista para Ruas Guajajaras e (d) vista para Rua Goiás

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Procurando entender o que seria necessário desenvolver para que os alunos aumentassem a ocupação na praça, questionou-se o que faria o aluno sair do campus e utilizar a praça (Figura 6). Dentre as respostas mais apontadas a maior parte inclui a realização de intervenções temporárias como atividades e oficinas. Melhorias no paisagismo, melhoria nas condições de limpeza segurança e iluminação também foram pontos levantados pelos entrevistados. A segurança, item levantado por parte dos entrevistados, é um fator importante para a qualidade dos espaços públicos urbanos, e se dá principalmente pela presença de pessoas nesses locais, denominados de “olhos da rua”, por Jacobs (1961). Importante perceber que quando questionados

se os entrevistados participariam de alguma ação na praça, mais da metade dos entrevistados responderam positivamente (Figura 7).

Este levantamento serviu como orientações para o desenvolvimento das propostas de intervenções urbanas que serão realizadas pelo projeto de extensão no segundo semestre de 2018. Essas visam aumentar a apropriação do espaço, de forma a trazer uma vitalidade para o local impulsionando o sentimento de pertencimento dos usuários em relação à praça.

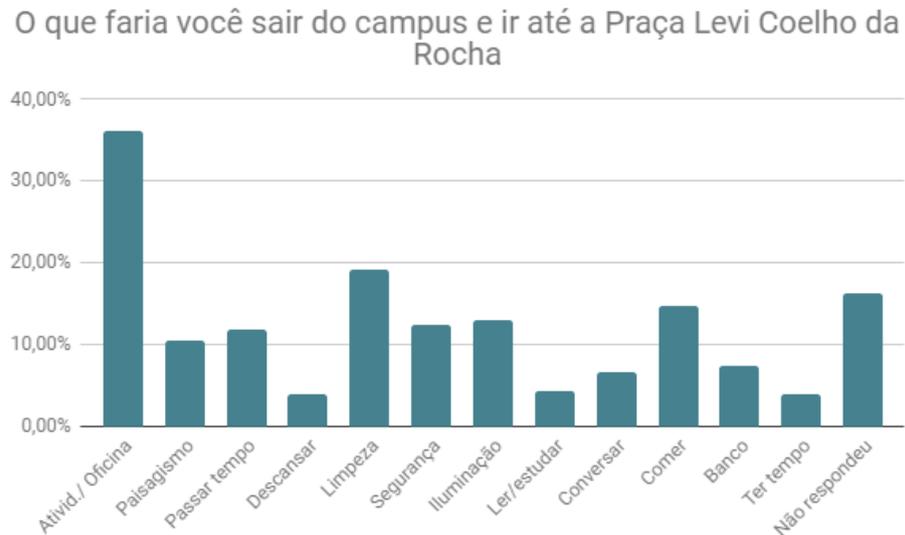


Figura 6:Respostas à pergunta: o que faria você sair do campus e ir até a Praça Levi Coelho da Rocha

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Você participaria de alguma ação na praça?

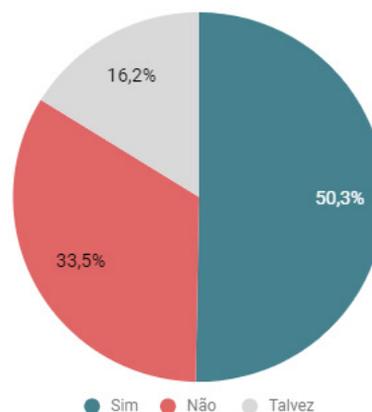


Figura 7:Respostas à pergunta: Você participaria de alguma ação na praça?

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Para a continuidade deste estudo, objetiva-se investigar formas para que um espaço antes considerado um vazio urbano possa novamente ser reintegrado à cidade. Como exemplos de ações para reestabelecer a ocupação e aumentar a vitalidade de regiões antes esquecidas na cidade, podemos citar a região da Rua Sapucaí. Essa

rua fica também próxima à região central da cidade de Belo Horizonte, de certa forma próxima à Praça Levi Coelho da Rocha (Figura 8). Essa vem recebendo ações que transformaram a região em uma área viva, recebendo um grande número de pessoas.

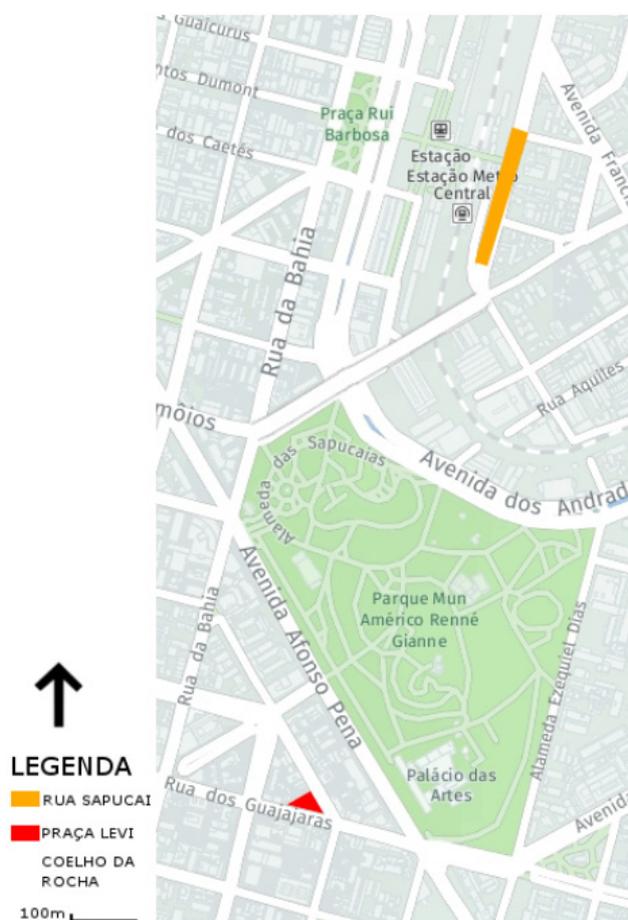


Figura 8: Rua Sapucaí em laranja e a Praça Levi Coelho da Rocha em vermelho

Fonte: Imagens Google Maps, acesso em 08. jun. 2018, adaptado pelo autor

A Rua Sapucaí, no bairro Floresta em Belo Horizonte, pertence ao conjunto patrimonial urbano da Praça da Estação. É uma rua elevada que possui arquitetura singular e edificações em apenas um dos lados. Consegue oferecer um panorama do hipercentro de Belo Horizonte além de uma vista completa da Praça da Estação. Há alguns anos, a região na qual está compreendida esta rua se tornou um lugar com alto índice de assaltos provocando o fechamento de imóveis e a não frequência da população.

Em 2007, foi elaborado pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, o Plano de Reabilitação do Hipercentro de Belo Horizonte. Dentro das diretrizes gerais do projeto, encontra-se a proposta de dinamizar o uso e ocupação do solo, melhorando o ambiente e valorizando as áreas públicas do hipercentro. Para a região da Praça da Estação, onde se encontra a Rua Sapucaí, as diretrizes procuraram promover a reestruturação de sua paisagem urbana, atraindo atividades culturais e de lazer para a região. Como novas formas de apropriação, para promover a permanência da população no espaço da Rua Sapucaí, foram propostas requalificações dos espaços públicos degradados e

criação de feiras, exposições e eventos.

As transformações que ocorreram na Rua Sapucaí aconteceram no mesmo período que ocorreram diversos movimentos culturais nas imediações como o Carnaval de rua de Belo Horizonte, ocupações culturais na Praça da Estação, duelo de MC's no viaduto Santa Teresa, entre outros. As novas formas de apropriação transformaram uma rua sem vida urbana, utilizada principalmente como estacionamento e passagem dos usuários da estação de metrô, em um espaço de cultura e lazer. Uma dessas apropriações ocorreu em agosto de 2017. Conhecido como C.U.R.A – Circuito Urbano de Arte, promoveu a produção de painéis de grafite gigantes e transformou a Rua Sapucaí em um grande mirante de arte de rua (Figura 9).



Figura 9: Rua Sapucaí (a) apropriação do espaço; (b) Projeto C.U.R.A

Fonte: (a) PBH (b) AeC, acesso em 08. jun. 2018

Atualmente a Rua Sapucaí tornou-se também um ponto de gastronomia. Por ser uma área consolidada, não houve necessidade de investimento em infraestrutura. O dinamismo gerado com as intervenções culturais na proximidade possibilitou tornar o lugar mais atrativo. Com novos pontos de comércio e pessoas frequentando durante o dia e noite, o local e que anteriormente havia se tornado conhecido por ser um lugar perigoso, hoje é um ponto turístico importante para a cidade de Belo Horizonte.

A Praça Levi Coelho da Rocha possui alguma semelhança com a Rua Sapucaí: as duas áreas pertencem ao hipercentro de Belo Horizonte e estão sob influência de um conjunto urbano tombado. A Rua Sapucaí, assim como a praça em estudo, já passou por período de subutilização do seu espaço público e hoje mostra como

intervenções urbanas conseguem proporcionar novas experiências aos usuários com a cidade.

Para estimular a apropriação da Praça Levi Coelho da Rocha, seguindo as análises e de acordo com o apontado pelas entrevistas, o projeto de extensão pretende organizar, em um primeiro momento, três ações, de forma a incluir tanto os participantes do projeto como os alunos do campus e o público em geral. A primeira consiste em realizar um mutirão de limpeza, visto que é um dos grandes problemas relatados nas entrevistas realizadas, além de preparar o local para as próximas intervenções. A segunda será promover uma feira gastronômica em parceria com os alunos de gastronomia da instituição e por último um sarau de poesia com exposição de arte de modo a envolver de forma mais eficiente os alunos da faculdade. Com estas ações temporárias pretende-se estimular uma maior apropriação da praça e aumentar o sentimento de pertencimento da população local, transformando um vazio urbano em um lugar vivo através da apropriação da população.

8 | CONCLUSÃO

Após identificar a subutilização de um espaço público deve-se buscar soluções para promover a reinserção deste espaço na vida da cidade. Ao intervir em um espaço público é necessário compreender a dinâmica da cidade e a rotina das pessoas. Deve-se entender as necessidades e os anseios de seus principais usuários. Projetar um espaço público de qualidade, pensado na humanização das cidades, não compreende apenas na qualidade da execução técnica.

A Praça Levi Coelho da Rocha considerada como um espaço ocioso, um vazio urbano dentro da área central de Belo Horizonte está sendo analisada para que futuramente, através das ações coordenadas pela academia e comunidade, possa ser um espaço agradável e de encontro da população.

Assim como a Praça Levi Coelho da Rocha, outros espaços carentes de apropriação existem em grandes cidades. Faz parte do papel do arquiteto e urbanista junto com equipes multidisciplinares e apoio da população das grandes cidades, identificar e recuperar estes espaços para que seja possível aumentar a utilização dos espaços urbanos e garantir uma melhor qualidade de vida dos usuários da cidade.

REFERÊNCIAS

BORDE, Andréa de Lacerda Pessoa. **Vazios Urbanos: Perspectivas Contemporâneas**. Tese de Doutorado em Urbanismo (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

BRASIL. **Estatuto da Cidade**. LEI FEDERAL 10.157 de 10 de julho de 2001.

BRASIL, Ministério das Cidades. **Manual de Reabilitação de áreas urbanas centrais**. Brasília: Ministério das Cidades, 2008

CAVACO, Cristina Soares. **Os espaçamentos ilegítimos ou a condição suburbana do vazio**. In: Actas do Seminário de Estudos Urbanos. Lisboa: ISCTE, 2007

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Os significados urbanos**. São Paulo: Edusp, 2000

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JULIÃO, Letícia. **Itinerários da cidade moderna (1891-1920)**. In: DUTRA, Eliane de Freitas; MELLO, Ciro Flávio Bandeira de (Org.). BH: Horizontes históricos. Belo Horizonte: C/ Arte, 1996.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução de Maria Cristina Tavares Afonso. 1º ed. Lisboa: Edições 70, 1982.

MENDONÇA, Eneida Maria Souza. **Apropriações do espaço público: alguns conceitos**. Universidade Federal do Espírito Santo. Espírito Santo, 2007.

MENDONÇA, Jupira Gomes de; GODINHO, Maria H. Navarro. **População, espaço e gestão na metrópole: novas configurações, velhas desigualdades**. Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, 2003.

OLIVEIRA, Lina Yule Queiroz; BORGES, Pedro Pereira. **O direito à cidade e o desenvolvimento local como base para a humanização do espaço urbano**. In: XIV Congresso Internacional de Direitos Humanos "Trabalho, Direitos Humanos e suas Fronteiras", 2017.

VEIGA, Artur José Pires ; VEIGA, D. A. M. ; MATTA, Jana Marsuka Buuda da . **Vazios urbanos e sustentabilidade**. In: VII ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA / X SEMANA DE GEOGRAFIA DA UESB., 2011, Vitória da Conquista. VII Encontro baiano de Geografia / X Semana de Geografia da UESB: "Questões Epistemológicas: A Prática da Geografia Atual, sua Relevância e Contribuição para a Bahia Contemporânea", 2011.

SOBRE A ORGANIZADORA

Bianca Camargo Martins - Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Especialista em Arquitetura e Design de Interiores pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e Mestranda em Planejamento e Governança Pública pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, onde desenvolve uma pesquisa sobre a viabilidade da implantação de habitação de interesse social na área central do Município de Ponta Grossa – PR. Há mais de cinco anos atua na área de planejamento urbano. É membra fundadora da Associação de Preservação do Patrimônio Cultural e Natural (APPAC). Atualmente é docente da Unicesumar, onde é responsável pelas disciplinas de urbanismo, desenho urbano e ateliê de projeto.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-265-4

